Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

ANAIS
DO
XXXI CONGRESSO INTERNACIONAL
DE
AMERICANISTAS
SÃO PAULO

23 a 28 de agôsto de 1954

organizados e publicados por

HERBERT BALDUS

VOLUME I

EDITORA ANHEMBI
São Paulo
1955

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

OS FULNIÔ DE ÁGUAS BELAS

por

Estevão Pinto

Em setembro de 1953 iniciei um estudo-de-campo a respeito dos remanescentes indígenas de Águas Belas, em Pernambuco, na zona chamada do *sertão-baixo*. O sertão-baixo é considerado uma transição entre o agreste e a caatinga pròpriamente dita[1] e caracteriza-se por três andares arbustivos. A cidade de Águas Belas dista 273 quilômetros do Recife e está situada a 9° 07' 03,1'' de lat. S. e a 37° 07' 06'' de long. WG. O Pôsto General Dantas Barreto[2], que tem sob a sua administração êsses caboclos, dista poucos quilometros daquela cidade. Os acidentes geográficos mais importantes são a serra do Comunati e o rio Ipanema (afluente do São Francisco). Outrora havia, nessa região, uma grande lagôa, hoje desaparecida. Por isso, os documentos mais antigos (3.° quartel do séc. XVIII) referem-se, ora aos Carnijó da "Alagoa da Serra do Comunaty", ora aos Carnijó da "Ribeyra do Panema, Lugar da Lagoa"[3].

Os Carnijó, também chamados, por engano com a semelhança do nome, de Carijó, foram visitados, há cêrca de oitenta anos, pelo geólogo americano Branner[4], que, recolhendo alguns poucos vocábulos ou frases, revelou que os Carnijó se autodenominavam de *Frŏniŏ*[5],

---

[1] Descrição em Egler (ps. 584-586) e M. Correia de Andrade (ps. 16 *sq.*)

[2] Classificado de P. I. N., isto é, Posto de Assistência, Nacionalização e Educação.

[3] Cf. Loreto Couto (p. 170), "Informação geral" (p. 421) e *Rellam. das Aldeas* (ms.).

[4] P. 329.

[5] Que Schuller, por engano, escreve *Jacatóa* (p. 46).

usando ainda uma espécie de designativo — *Iacotóa* — para distinguir-se dos demais grupos silvícolas do Brasil. Em 1928, Mário Melo[6] vulgarizou o nome da língua dos Fulniô, o *yāthê*, logo aceito por alguns lingüistas[7].

Em uma das minhas primeiras visitas à *aldeia ouricuriana* dos Fulniô, — ou seja, a aldeia construída anualmente para as suas cerimônias religiosas, — levei, como, aliás, sempre o fazia, numerosos presentes para os índios. Esgotados os presentes, tive de lançar mão de dinheiro, que me voou todo dos bolsos. Meu próprio cachimbo e minha própria lâmpada portátil cairam em poder dos caboclos. E aconteceu que, já de retôrno à cidade, avistei, à porta da última das cabanas, uma velhinha, que me estendeu as mãos trêmulas. Como mostrasse não ter mais um vintém siquer, a velhinha gritou: — *Kēliá kokīlya*. Perguntando eu, então, o significado dessas palavras, — ainda não me achava bem familiarizado com o *yāthê*, — respondeu-me o intérprete, que era um índio da tribo fulniô: — "Não se zangue, não, meu branco. A velha está dizendo que vosmecê é um *pão-duro dos diabos*".

A anedota serve para mostrar o estado de ânimo dos indígenas em relação aos chamados neo-brasileiros. Contìnuamente explorados e ludibriados pelos seus vizinhos, os brancos, os nossos índios habituaram-se também à velhacaria ou aos processos de exploração. E já hoje é difícil corrigir um êrro que vem de longa data.

Os Fulniô estão, hoje em dia, reduzidos a pouco mais de 700 indivíduos. Para os relatórios oficiais, concernentes ao ano de 1953, o total eleva-se ao duplo da cifra acima ; verifiquei, porém, que, nos dados oficiais, foram incluídos indivíduos descendentes de índios casados com elementos da população alienígena (brancos ou pretos, que os Fulniô excluem da tribo). A letalidade infantil é assustadora[8]. As principais doenças, que infestam a

---

[6] Ps. 793 *sq.*

[7] Chestmir Loukotka, para citar apenas um exemplo. Cf. "La familia lingüistica", ps. 506 e 507.

[8] Em 1951, 892 por mil, baixando, em 1952, para 451 e tornando a elevar-se, em 1953, a 600. Relatórios oficiais fornecidos pela IVª Inspetoria Regional de Proteção aos Índios (Recife).

população nativa de Águas Belas, são o tracoma, o tifo, a disenteria, a gripe e a tuberculose. O dr. Aristeu Arruda, um especialista em tracomatologia, da Divisão de Organização Sanitária, empreendeu, em minha companhia, uma pesquisa, que incidiu em 112 crianças indígenas do grupo etário dos 6 aos 14 anos: 50,8% das crianças sofriam de tracoma[9]. Por essa ocasião, examinaram-se também vários adultos, tendo sido registados alguns casos de glaucoma, catarata, bouba e boqueira (*perlèche* dos franceses). Ainda registrou o dr. Aristeu Arruda a presença do "gabão".

Conhecem-se alguns vocabulários da língua *yathê*. O primeiro dêles foi organizado por Alberto Jacobina (pai de Maria Luisa Jacobina), hoje extraviado ou perdido. Depois de Alberto Jacobina, Mário Melo[10] publicou o seu, com 350 palavras (inclusive algumas frases). A professora Edit Wanderley Pitta[11], encarregada do ensino primário da escola do Pôsto General Dantas Barreto, teve a gentileza de ceder-me o vocabulário, por ela levantado; contém 608 palavras e frases. Nenhum dêsses vocabulários dá muita atenção aos sinais diacríticos.

Em 1935, Pompeu Sobrinho, num ensaio vulgarizado pela *Revista do Instituto do Ceará*, chegou à conclusão de que a língua dos Fulniô não tinha qualquer parentesco com o Cariri. Cêrca de quinze anos depois, elaborava Max Boudin a primeira gramática do *yathê*, escrita em português e em francês, com vasto vocabulário, ainda inédita[12]. Há pouco tempo, o padre Lemos Barbosa[13] publicou algumas interessantes notas referentes ao *yathê*. O mais recente estudo sôbre a língua dos índios do vale do Ipanema é o do professor Geraldo Lapenda, que, a pedido, me acompanhou à aldeia de Águas Belas: será publicado, em apêndice, no ensaio que acabo de entregar à Companhia Editora Nacional.

---

[9] *Inquérito tracomatológico*, cit.

[10] *Os Carnijós de Aguas Bellas.*

[11] *Pequeno histórico*, etc.

[12] Ms. do Museu do Índio (Rio de Janeiro), sob n. 195.951.

[13] Ps. 411-426.

Precedendo o seu vocabulário, já citado, Mário Melo descreve alguns costumes dos Fulniô e levanta a hipótese de que o rito religioso do Ouricuri tem relação com o de Jurupari. O professor Max Boudin[14], de igual modo, estudou alguns aspectos da vida social e religiosa dos Fulniô, chegando mesmo a desvendar certos segredos ouricurianos ; revelou êsse lingüista que os Fulniô estavam divididos em cinco "clãs", cada qual dêles com os seus respectivos tabus. As sipes — designação melhor que de clã — eram *patrilineares* e *matrilocais*. O rito de reverência traduz-se pelas palavras *ĩ-thô* (meu avô) e *ĩ-txaí* (meu neto). Os *netos* deviam casar com as mulheres *avós*, exceto quanto à sipe denominada do Fumo, que não sofria nenhuma restrição — por descender, provàvelmente, dos prisioneiros incorporados ao grupo (conclusão a que chegou por causa do rito do *sacrifício*, feito por um dos membros da sipe do Fumo, que lembra a cerimônia pela qual os Tupinambá imolavam os prisioneiros). A sipe do peixe (*Txokotkwá*, de *Txokô*, peixe) tinha também as suas particularidades — quando algum fulniô contraía matrimônio com estrangeiro, os filhos incorporavam-se à sipe do Peixe, formada, parece, dos descendentes dos antigos Shocó.

O último estudo realizado em tôrno dos Fulniô (exceção do meu) é do professor William Hohenthal Jr., antropólogo norte-americano ; ainda não foi publicado.

Os Fulniô eram, em geral, considerados do grupo dos Cariri ; assim os classifiquei também, seguindo a lição de Rodolfo Garcia. Schuller ligou a língua *yāthê* à dos Mongoyó e Loukotka filiou-a à dos Camacan. Mas foi Carlos Estevão de Oliveira o primeiro etnólogo a chamar a atenção dos entendidos para a dificuldade de situar os Carnijó (hoje chamados Fulniô) na família lingüística dos Cariri.

As principais conclusões, a que cheguei, podem ser resumidas no seguinte :

---

[14] "Aspectos da vida tribal dos índios Fulniô", ps. 47-76.

1. *Fulniô*, a meu ver, não significa "os que usam um topete à cabeça" ou "os que usam o cabelo em forma de topete", como o pretende Max Boudin. *Fulniô* vem de *fuli*, "rio", *ni*, "ter" e *ho*, sufixo de a gente, ou seja, "o povo que mora junto ao rio". Os Fulniô são bons pescadores e o rio a que se referem é o Ipanema.

2. O nome *Iacotóa*, que Branner afirma ser o topônimo com o qual os Fulniô se distinguiam das outras tribos, significa "o nosso grupo" ou "a nossa gente". Quando os Fulniô se referem à sua língua dizem *yāthê*, que quer dizer literalmente "a nossa língua"; a aldeia onde moram é *yā-ti*, "a nossa morada" e a pátria é *yā-fê*, "a nossa terra". *Iacotóa* é corruptela de *yā-ktōa*, que tem o sentido de "o nosso grupo" ou "a nossa gente". Em suma, *yā-ktōa* era o nome que os índios de Águas Belas aplicavam ao seu grupo étnico e cultural, vivendo no vale do Ipanema e regiões circunvizinhas, passando Fulniô a ter o sentido particular de "a gente que mora junto ao rio". Há cêrca de cem anos, segundo a tradição, havia mais dois grupos da mesma família, vivendo no vale do Ipanema — os *Fola* (os "Bicos-de-Pato", do riacho do Funil) e os *Foklasá* (os do "Lugar de Muitas Pedras", da serra dos Cavalos). Ambos foram dizimados pelos Fulniô, numa guerra intestina. Ainda hoje há descendentes dos Fola incorporados à cabilda dos Fulniô.

3. A palavra *Carnijó*, aplicada outrora aos Fulniô, era, provàvelmente, a designação dada pelos Tupi àqueles índios, a exemplo da designação de "Kereryjou" aplicada aos "Ocioneciou". A duplicidade dos nomes era muito comum às tribos brasileiras e Laet[15] cita vários exemplos similares.

4. Os animais e plantas tabus para cada sipe não têm nenhuma ligação com qualquer espécie de totemismo, explicando-se, antes, pela conveniência da qualificação tribal ou pela necessidade de assegurar a coesão do grupo.

5. Não há nenhum vestígio, atualmente, do culto do Jurupari entre os Fulniô. Danças mascaradas, sem

[15] Ps. 461 e 462.

interferência com o culto do Jurupari, existem entre muitas comunidades indígenas. E, assim, quer parecer-me que as máscaras sagradas dos Fulniô tenham outra origem, sendo a exclusão das mulheres, em determinadas cenas do rito ouricuriano, motivada pela crença na "impureza" do sexo feminino, comum a muitas tribos.

6. O *status* social mais elevado da sipe do Fumo explica-se, talvez, por ser êsse grupo descendente de *Sewlihokhlá*, "o criador de tôdas as gentes", pai dos dois irmãos *Faledatô* e *Waledatô*, fundadores, respectivamente, do grupo do Pato e do grupo do Porco. A idéia de sacrifício é "inseparável de tôda religião" e parece recordar o holocausto em favor da regeneração da terra. A circunstância de o ritual praticar-se, anualmente, à sombra de uma árvore sagrada, relaciona o costume com os ritos e símbolos da renovação.

7. A hipótese de ter sido a sipe do Peixe formada pelos restos do grupo dos Shocó foi confirmada por uma patente de 1688[16], que fala precisamente nos "Chocôz" do "Panema" (*Chocôz* por Shocó e *Panema* por Ipanema).

8. O *yāthê* é uma língua monossilábica e aglutinante, que conserva admiràvelmente muito da sua pureza primitiva. A maneira rápida e característica de ordenar, a custa dos próprios elementos, a palavra estranha, fecha a porta, na frase do padre Lemos Barbosa, à invasão lingüística, "que na língua popular começa com o vocabulário". Por exemplo : *otxáitoa*, homem branco, significa "o que possui machado". Mas, nem por isso o *yāthê* deixa de ser uma língua relativamente avançada, tendo vários modos de formação do plural e adjetivos que flexionam na concordância com o substantivo, — o que não se vê em inúmeros outros idiomas ou dialetos indígenas.

Não resta dúvida de que o *yāthê* pertence, pela sua estrutura gramatical, ao grupo das línguas faladas pelas tribos do *phylum* Macro-Gê.

---

[16] *Anais do Arquivo Público e do Museu do Estado da Bahia*, p. 167.

9. Os Fulniô formam uma sociedade quase fechada, para o que muito concorrem a impermeabilidade de sua língua e o segrêdo conservado em tôrno do ritual ouricuriano. Isso não significa, todavia, que não estejam êles bastante miscegenizados. Mas, de todos os grupos indígenas do nordeste brasileiro, são os índios de Águas Belas os menos aculturados.

10. Finalmente, alguns elementos da cultura cariri podem ter sido adotados pelos Fulniô, entre êles, a divinização do fumo (personificado na sipe dos *Sedaytô*), as festas periódicas, e, com a devida reserva, o uso da jurema e as máscaras-de-dança. O mesmo se pode dizer em relação a alguns elementos peculiares às tribos indígenas do grupo dos Gê do noroeste, do centro e de parte do nordeste brasileiro, a saber, o catre, a festa ou corrida dos toros (aliás já extinta) e certos processos de assar a carne (sobretudo o forno subterrâneo). Existem ainda umas tantas similitudes entre as normas matrimoniais do *kiyé* apinayé e as regras exogâmicas da sipe fulniô. Quanto aos Gê do Brasil oriental, alguns dos seus traços culturais coincidem com os dos Fulniô : a habilidade na fabricação dos utensílios de palha, o uso do espêto e o gôsto pelo mel ou pela carne *faisandé*. No toré dos índios de Águas Belas as mulheres ainda hoje encostam a mão esquerda no rosto, justamente como faziam, há cem anos passados, os Camacan visitados pelo príncipe Wied-Neuwied. A arte plumária incipiente, a falta de tatuagem, a ignorância da tecelagem, assim como a ausência, de modo geral, da rêde e da olaria, como elementos próprios, — são outras tantas formas de concordância que não podem ser negligenciadas. Dos Tarairiú talvez os Fulniô tenham recebido dois costumes importantes, hoje desaparecidos : o endocanibalismo e as superstições, de caráter mágico ou religioso, ligadas às pedras ou penedos. Em suma, estou inclinado a ver nos Fulniô, um ramo do *phylum* Macro-Gê, se bem que profundamente influenciado pelos seus vizinhos ameríndios.

BIBLIOGRAFIA CITADA

Anais do Arquivo Público e do Museu do Estado da Bahia, IV e V. Bahia, 1919.

ARRUDA (ARISTEU), — *Inquerito tracomatológico realizado entre as crianças indígenas da tribo dos Fulniô, no município de Águas Belas, Pernambuco.* Arquivo da Delegacia Federal de Saúde da 5.ª Região. Recife, 1953.

BARBOSA (PADRE A. LEMOS), — "Conversando com um índio fulniô. Notas etnográficas e lingüísticas", Em : *Verbum*, VII, fasc. 3. Rio de Janeiro, 1950.

BOUDIN (MAX H.), — "Aspectos da vida tribal dos índios Fulni-ô. Em : *Cultura*, a. I, n.º 3. Rio de Janeiro, 1949.

Gramática, vocabulário e textos da "Língua Ía-té" falada pelos índios Fulni-ô, de Águas Belas, Estado de Pernambuco. Ms. do Museu do Índio, n.º 195.951. Rio de Janeiro.

BRANNER (JOHN C.), — "Notes upon a native Brazilian Language". Em : *Proceedings of the American Association for the advancement of Science.* Buffalo Meeting, Aug., 1886 (Salem, 1887).

COUTO (D. DOMINGOS do LORETO), — "Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco". Em : *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, XXIV, Rio de Janeiro, 1904.

EGLER (WALTER ALBERTO), — *Contribuição ao estudo da caatinga pernambucana.* Separata da "Revista Brasileira de Geografia", n.º 4, ano XIII. Rio de Janeiro, 1951.

"Informação geral da Capitania de Pernambuco". Em : *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, XXVIII (1906). Rio de Janeiro, 1908.

LAET (JOANNES DE), — *História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais*, etc. Rio de Janeiro, 1916.

LOUKOTKA (CHESTMIR), — "La familia lingüística Kamakan del Brasil". Em : *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, II. Tucumán, 1931-1932.

MELO (MÁRIO), — "Os Carnijós de Aguas Bellas", Em : *Revista do Instituto Archeologico, Historico e Geogr. Pernambucano*, XXIX, ns. 135-142, Pernambuco, 1930.

PITTA (EDIT WANDERLEY), — *Pequeno histórico da tribu Fulni-ô* (*Águas Belas*, 1953). Ms.

POMPEU SOBRINHO (TH), — "Índios Fulniôs. Karnijós de Pernambuco". Em : *Revista do Instituto do Ceará*, XLIX. Fortaleza, 1935.

Relatórios da IV.ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios (Recife.) Vários anos.

Rell^am^ das Aldeas quhá no destr. do S̃. *De Parn., Parayba, e mais Cap.^nias^ anexas*, etc. Ms. da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro (Recife, 1760-1762).

SCHULLER (RUDOLF R.), — "Die Sprache der Mongoyó-Indianer im Staat Bahia (Nordost-Brasilien)". Em: *International Journal of American Linguistics*, VI, n.º 1. New York, 1930.

EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS

Fig. 1. Os Fulniô estão hoje muito miscegenizados. Todavia, alguns indivíduos ainda mostram lineamentos somáticos, que os aproximam do tipo mongolóide — o ôlho oblíquo (com epicanto externo), a face larga, o cabelo duro e reto. A siclemia, de alta incidência entre os negros, é apenas de 1,8% entre os Fulniô (pesquisa de Ernani Martins da Silva, que incidiu em 166 indivíduos) ("Absence of Sickling", p. 3). As pesquisas feitas pelo mesmo cientista, referentes aos grupos sangüíneos (Boudin, ms. cit.), empreendidas em 454 índios fulniô, teve como resultado a taxa de 51,1% para o grupo O. Como se sabe, a percentagem do grupo O, entre os indígenas brasileiros, é bem mais elevada, chegando mesmo a atingir, algumas vezes, 100%.

Fig. 2. O primitivo local das festas do Ouricuri, que duram, anualmente, três meses, era mais próximo da cidade de Águas Belas. Nesse tempo, o cerimonial religioso tinha lugar à sombra de um soberbo ouricuri (*Cocos coronata* Mart.). Hoje em dia, êsse local está reduzido a um simples caminho para a caatinga do novo terreiro. O facheiro e o imbuseiro tomaram conta do terreno.

Fig. 3. Em determinada época do ano (atualmente nos começos de setembro) os Fulniô passam três meses em plena caatinga, entregues aos seus ritos religiosos. Para êsse fim, constroem cêrca de 120 cabanas. Nos catres dormem as mulheres e crianças ; os homens (inclusive os meninos já iniciados) passam a noite debaixo de juàzeiro sagrado, acomodando-se, no chão, em ramos de palha.

Fig. 4. As choças, construidas pelos Fulniô na época do ritual religioso, são de paredes e tecto de palha de ouricuri, com vergas de aroeira e esteios de pereiro ou catingueira. O chão é de terra batida e a claridade entra pela única porta, de frente, que se fecha à noite com o anteparo, mantido, durante o dia, encostado a uma das paredes externas.

Fig. 5. É no interior das casas que se sente ou percebe o índio fulniô. As camas são verdadeiros catres ou giraus, construidos de varas de pereiro ou alecrimbravo, recobertas de esteiras de palha. O fogão é uma trempe formada por três pedras. Vêem-se alguns elementos aculturados pelos índios — a xícara de louça, a bacia de lata e a vela de cêra.

Fig. 6. Aspecto de um toré, dançado pelos Fulniô em homenagem aos visitantes da aldeia ouricuriana.

As práticas religiosas dos Fulniô são vedadas aos estranhos ; durante o dia, entretanto, êsses caboclos permitem, às vêzes, a visita dos "brancos". O toré dos ritos ouricurianos é diferente do toré dançado em público.

O instrumento principal é a trombeta (*khītxá*), canudo de facheiro, dentro do qual se introduz o pífano feito de dois pedaços de taquara, ligados por cêra de abelha. Cobre-se o instrumento com uma capa de flanela, quase sempre vermelha ; a flanela é molhada, de tempos em tempos, para evitar rachaduras na taboca. O *khītxá* tem dois diapasões diferentes, o do "macho" e o da "fêmea" ; dizem os Fulniô que ambos formam um casal. O dançarino da esquerda segura o "macho" e o da direita a "fêmea".

Fig. 7. Membro da sipe ou grupo do Peixe, vestido com a máscara-de-dança dos rituais ouricurianos. As máscaras são de coroá e as tangas de palha de ouricuri. Tingem-se de preto as mãos, os cotovelos, os ombros e as pernas (dos joelhos para baixo); traça-se uma longa faixa, que vai do umbigo ao pescoço. A tinta é produzida pelo pó de carvão misturado ao mel de abelha.

A máscara-de-dança dos Fulniô pouco difere da dos índios de Pôrto Real do Colégio, onde, como se sabe, vivem hoje os Shocó, os Natu, os Cariri, etc. A mesma observação quanto aos Pancararu do Brejo dos Padres. Tambem os caboclos de Rodelas e de Ôlho d'Água do Meio (no caminho de Pôrto Real do Colégio) usam máscaras-de-dança. Parece-me, pois, salvo melhor juízo, que êsse elemento cultural se difundiu, no nordeste brasileiro, a partir das margens do São Francisco.

Fig. 1 — Criança Fulniô.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Fig. 2 — Caminho para a "Aldeia Ouricuriana".

Fig. 3 — Vista aérea da mesma aldeia.

Fig. 4 — Rua da mesma aldeia.

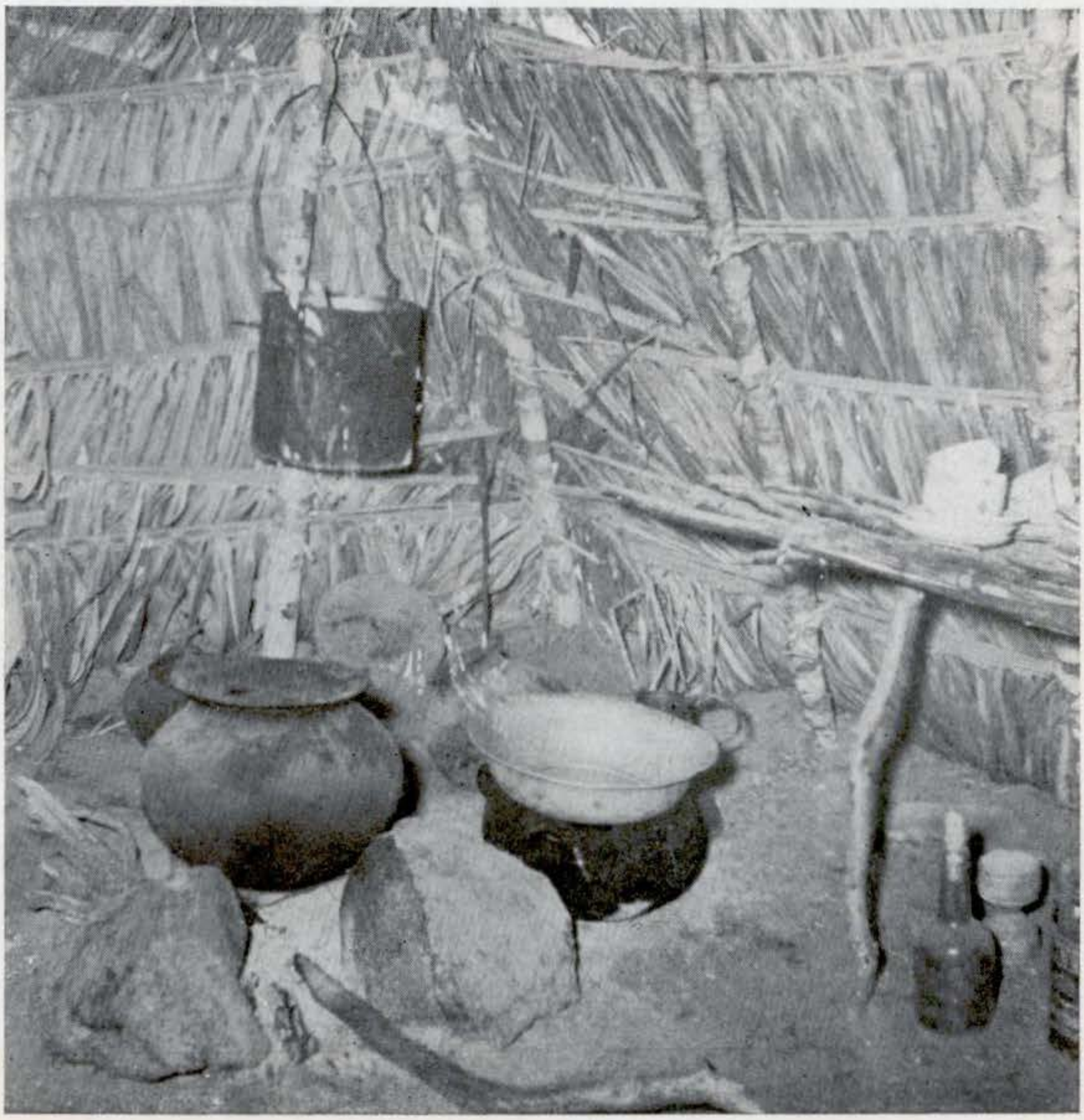

Fig. 5 — Interior de uma choça Fulniô.

Fig. 6 — Toré.

Fig. 7 — Máscara de dança.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org